

**ENTRE O DIAGNÓSTICO E A ACOLHIDA: O PAPEL DOS PROFISSIONAIS
NA ADAPTAÇÃO DOS PAIS AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

*BETWEEN DIAGNOSIS AND WELCOMING: THE ROLE OF PROFESSIONALS IN
PARENTS' ADAPTATION TO AUTISM SPECTRUM DISORDER*

Camila Carla Dantas Soares

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Caroline Medeiros Rodrigues e Silva

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Ilana Jozi Pereira Dutra

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

William Araújo Santos

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Tiago Alves Callou

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

RESUMO: O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa uma ruptura significativa na vida familiar, provocando intensas reações emocionais nos pais e exigindo uma reorganização afetiva, social e prática. Este artigo tem como objetivo analisar como o acolhimento — ou sua ausência — por parte de profissionais da saúde e da educação impacta o processo de adaptação dos pais ao diagnóstico de TEA. A metodologia consistiu em uma análise integrativa de estudos nacionais e internacionais que abordam o impacto do diagnóstico, o sofrimento parental e o papel dos profissionais no cuidado à família. Os resultados evidenciam que o acolhimento adequado, baseado na escuta qualificada, empatia e orientação acessível, favorece a aceitação da nova realidade e fortalece os vínculos familiares. Em contrapartida, a ausência de suporte contribui para o isolamento social, a sobrecarga emocional, o sentimento de culpa e a baixa qualidade de vida dos cuidadores, especialmente das mães. Além disso, fatores como condição socioeconômica e acesso a redes de apoio interferem na experiência de adaptação. Conclui-se que o acolhimento deve ser compreendido como uma prática ética e intersetorial, essencial para humanizar o processo de diagnóstico e potencializar o cuidado integral à família. Recomenda-se a ampliação de práticas formativas e políticas públicas voltadas à escuta e ao suporte às famílias no contexto do TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Acolhimento. Diagnóstico. Família. Saúde Mental.

ABSTRACT: The diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD) represents a significant disruption in family life, triggering intense emotional reactions in parents and requiring affective, social, and practical reorganization. This article aims to analyze how the presence—or absence—of welcoming practices by health and education professionals impacts the process of parental adaptation to an ASD diagnosis. The methodology consisted of an integrative analysis of national and international studies addressing the impact of diagnosis, parental suffering, and the role of professionals in family care. The results show that adequate welcoming—based on qualified listening, empathy, and accessible guidance—favors the acceptance of the new reality and strengthens family bonds. In contrast, the absence of support contributes to social isolation, emotional overload, feelings of guilt, and a lower quality of life for caregivers, especially mothers.

Moreover, factors such as socioeconomic conditions and access to support networks influence the adaptation experience. It is concluded that welcoming must be understood as an ethical and intersectoral practice, essential for humanizing the diagnostic process and enhancing comprehensive family care. It is recommended to expand training practices and public policies focused on listening and supporting families within the ASD context.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Welcoming. Diagnosis. Family. Mental Health.

INTRODUÇÃO

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa um marco significativo na vida de uma família, especialmente dos pais ou responsáveis pela criança. Em geral, a notícia provoca um impacto emocional profundo, alterando expectativas, rotinas e vínculos familiares. Muitos pais relatam sentimentos de negação, culpa, medo, insegurança, tristeza e desorientação, caracterizando o que diversos autores nomeiam como um processo de luto simbólico diante da perda do “filho idealizado” e o acolhimento da realidade do “filho real” (Maia et al., 2016; Pereira, 2022).

O processo de adaptação familiar ao diagnóstico do TEA é influenciado por uma série de fatores, entre eles a qualidade do acolhimento prestado por profissionais de saúde e educação. Profissionais que atuam na atenção primária, nos serviços especializados, nas escolas e em clínicas são muitas vezes os primeiros interlocutores das famílias após o diagnóstico, desempenhando um papel central na mediação entre o saber técnico e o suporte emocional necessário (Barros et al., 2022; Pimenta et al., 2020). No entanto, como evidenciam diversos estudos, a ausência de escuta qualificada, de informações claras e de suporte contínuo pode intensificar o sofrimento e dificultar a reorganização emocional e prática dos pais (Silva et al., 2015; Dorlivete et al., 2022).

Segundo Pereira (2022), a forma como o diagnóstico é comunicado, assim como o tipo de suporte oferecido nas etapas iniciais, impacta diretamente na adaptação social e intrafamiliar dos pais. Nesse sentido, a presença ou ausência de acolhimento torna-se um elemento determinante para o enfrentamento do novo cenário. Dias et al. (2021), por sua vez, destacam que a qualidade de vida dos pais pode ser afetada de forma significativa por aspectos como a capacidade comunicativa da criança, o suporte social e a renda familiar — variáveis diretamente atravessadas pelo acesso a serviços e orientações pós-diagnóstico.

A escuta ativa, a empatia e a construção de vínculos com os cuidadores são práticas defendidas pela Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2006), mas nem sempre efetivadas no cotidiano dos serviços. Para muitas famílias, o diagnóstico é entregue de maneira técnica, sem preparo para o cuidado futuro, o que pode gerar um sentimento de abandono, contribuindo para isolamento social, sofrimento psíquico e dificuldades de adesão ao tratamento e à escolarização (Maia et al., 2016; Pimenta et al., 2020; Barros et al., 2022).

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar como o acolhimento — ou sua ausência — por parte dos profissionais de saúde e educação impacta o processo de adaptação dos pais ao diagnóstico de TEA. Para isso, serão discutidas as reações emocionais mais comuns dos pais após o diagnóstico, a importância da escuta e da orientação no momento do acolhimento, bem como estratégias que podem favorecer uma adaptação mais saudável da família. A discussão será fundamentada por uma análise integrativa de artigos científicos nacionais e internacionais, com ênfase nas produções mais recentes da área.

O artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução. A primeira seção apresenta o referencial teórico sobre o TEA, o impacto do diagnóstico na estrutura familiar e os fundamentos do acolhimento na perspectiva da saúde e da educação. A segunda seção traz uma análise crítica dos estudos selecionados. A terceira seção discute os achados à luz das práticas profissionais e dos desafios enfrentados por pais e instituições. Por fim, a quarta seção apresenta as considerações finais, com apontamentos para a prática profissional e propostas de aprofundamento em pesquisas futuras.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Transtorno do Espectro Autista e o impacto do diagnóstico para as famílias

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação social e na interação, além da presença de padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2013). Embora o diagnóstico possa ocorrer em diferentes idades, é comum que sinais sejam percebidos nos primeiros anos de vida, especialmente entre 18 e 36 meses, período no qual as expectativas parentais sobre o desenvolvimento infantil se intensificam (Maia et al., 2016).

O momento do diagnóstico costuma representar um evento crítico para os pais, que precisam lidar com a quebra da expectativa em relação ao “filho idealizado” e com a chegada de uma nova realidade permeada por incertezas, angústias e desafios (Pereira, 2022). O impacto psicológico é comparável ao vivenciado em processos de luto simbólico, exigindo da família um processo de reorganização emocional, relacional e social (Sá; Rabinovich, 2002; Maia et al., 2016).

Nesse contexto, os sentimentos de culpa, medo do futuro, frustração, negação, tristeza e isolamento social emergem como respostas frequentes. A literatura indica que, mesmo após anos do diagnóstico, muitos pais ainda descrevem o momento da descoberta como um dos mais dolorosos de suas vidas (Pimenta et al., 2020). Tal fato demonstra que o acolhimento profissional no período inicial é determinante para que a família possa elaborar a notícia e encontrar estratégias saudáveis de enfrentamento.

2.2 O acolhimento como prática ética e técnica em saúde e educação

Acolher não significa apenas estar presente fisicamente, mas implica reconhecer o outro em sua singularidade, escutá-lo com empatia e promover um espaço de confiança e vínculo. Na perspectiva da Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2006), o acolhimento é compreendido como uma postura ético-política que envolve escuta qualificada, responsabilização e vínculo entre usuários e profissionais.

No campo da saúde, o acolhimento deve estar presente em todos os pontos da rede de atenção, especialmente na atenção básica e nos serviços especializados, como ambulatórios de neuropediatria e centros de reabilitação. Já no campo da educação, professores, coordenadores e psicopedagogos também têm papel fundamental no acolhimento de famílias, especialmente quando a escola é o primeiro espaço onde sinais do TEA são notados ou discutidos com os pais.

Estudos indicam, no entanto, que o acolhimento ainda é negligenciado ou mal compreendido em muitos contextos, resultando em situações onde os pais recebem o diagnóstico de forma fria, técnica ou sem explicações suficientes (Maia et al., 2016; Barros et al., 2022). Em outros casos, os profissionais não demonstram preparo para lidar com a dor emocional dos pais, o que pode gerar afastamento, sensação de despreparo ou desamparo por parte da família (Pimenta et al., 2020; Silva et al., 2015).

2.3 Consequências da ausência de acolhimento

A ausência de um acolhimento adequado no momento do diagnóstico está relacionada ao agravamento da sobrecarga emocional dos pais, à manutenção de sentimentos de culpa e à dificuldade de acessar serviços de apoio (Barros et al., 2022; Dorlivete et al., 2022). Em muitos casos, as famílias enfrentam longas jornadas solitárias, marcadas por tentativas e erros em busca de profissionais capacitados, o que pode gerar desgaste, frustração e até abandono de intervenções importantes.

A literatura aponta que a sobrecarga emocional e o isolamento social são mais intensos em mães, que geralmente assumem o papel central no cuidado da criança com TEA (Silva et al., 2015). Essas mulheres muitas vezes interrompem suas vidas profissionais, sociais e afetivas para cuidar dos filhos, assumindo uma "luta solitária" e enfrentando o estigma da deficiência, a invisibilidade social e a ausência de suporte (Silva et al., 2015; Dorlivete et al., 2022).

Além disso, a falta de orientação e suporte adequado nos serviços públicos pode agravar desigualdades, especialmente em famílias de baixa renda, como apontado por Dias et al. (2021), que identificaram correlação entre renda familiar e qualidade de vida de pais de crianças com TEA.

2.4 Potencialidades do acolhimento na reorganização familiar

Por outro lado, estudos também evidenciam que o acolhimento humanizado pode funcionar como um fator de proteção emocional, favorecendo a reorganização da família e promovendo maior engajamento no cuidado e nas intervenções da criança (Maia et al., 2016; Pereira, 2022). O suporte adequado no início do processo permite que os pais atravessem com mais segurança os estágios do luto, reorganizem suas rotinas e restabeleçam vínculos afetivos com seus filhos e com a rede de apoio.

Quando profissionais da saúde e da educação acolhem a dor dos pais, escutam suas dúvidas e oferecem informações de maneira clara, respeitosa e acessível, reduzem-se as barreiras entre os saberes técnicos e os saberes da experiência vivida (BRASIL, 2006; Freire, 1996). Nesse sentido, a formação contínua de profissionais para o

acolhimento às famílias torna-se uma necessidade ética e técnica, capaz de transformar práticas e potencializar vínculos de cuidado.

3. ANÁLISE DOS ESTUDOS

Os estudos analisados nesta pesquisa foram selecionados por tratarem, direta ou indiretamente, do impacto que o diagnóstico de TEA provoca nos pais e da importância do acolhimento por parte dos profissionais de saúde e educação nesse processo. Ainda que abordem diferentes aspectos, os textos convergem em apontar que o diagnóstico marca uma ruptura significativa no cotidiano e no projeto de vida das famílias, especialmente das mães, e que o acolhimento institucional pode ser decisivo para suavizar ou agravar esse impacto.

3.1 O acolhimento como mediação entre dor e reorganização

O estudo de Maia et al. (2016) destaca a importância do acolhimento como um processo capaz de favorecer a travessia dos pais pelas etapas emocionais do luto simbólico: choque, negação, tristeza, aceitação e reorganização. A pesquisa aponta que a capacitação de profissionais para escutar e orientar os pais contribui para um processo de aceitação menos doloroso, reforçando que a escuta ativa é uma ferramenta que, quando bem utilizada, transforma relações e evita a cronificação do sofrimento. A mesma conclusão é reforçada por Pimenta et al. (2020), que revelam, a partir de entrevistas com pais de crianças com doenças crônicas, que a ausência de preparo da equipe para orientar e instrumentalizar as famílias na alta hospitalar agrava o sentimento de desamparo e fragiliza a autonomia dos cuidadores.

Já o trabalho de Barros et al. (2022) apresenta uma revisão integrativa que confirma: o diagnóstico de TEA frequentemente é comunicado de forma inadequada, e os pais, muitas vezes, iniciam um processo solitário de busca por terapias e especialistas, enfrentando sobrecarga emocional e confusão. O estudo reforça a importância de que os profissionais atuem como “facilitadores” do acesso a redes de cuidado, e não apenas como transmissores de um diagnóstico técnico.

3.2 Reações emocionais e sofrimento psíquico parental

O sofrimento emocional dos pais, especialmente das mães, também foi um aspecto recorrente. No estudo de Silva et al. (2015), que investigou as dificuldades enfrentadas por mães de crianças com sofrimento mental, emergiram quatro eixos centrais: o isolamento da criança e da mãe, a anulação da identidade feminina, o cuidado como uma luta solitária e o preconceito social. Esses achados se aproximam da análise de Pereira (2022), que evidenciou, com base em dados de 101 pais e mães, que a adaptação social e familiar após o diagnóstico de TEA está fortemente relacionada às reações emocionais iniciais, ao suporte recebido e às condições socioeconômicas da família.

A dissertação de Pereira (2022), por sua vez, aponta que o rendimento familiar e o tempo desde o diagnóstico estão entre os fatores que influenciam significativamente o impacto percebido pelos pais. Pais que recebem o diagnóstico mais recentemente e com menos apoio apresentam níveis mais altos de sofrimento e menor adaptação social, o que reforça a tese de que intervenções precoces e acolhedoras são fundamentais.

3.3 Qualidade de vida dos pais e lacunas na rede de apoio

Dias et al. (2021) trazem uma abordagem quantitativa para a questão, ao investigar a qualidade de vida de 55 pais de crianças com TEA e relacioná-la ao perfil comunicativo da criança e à renda familiar. Os resultados mostram que os domínios psicológico, social e ambiental da qualidade de vida são significativamente afetados, especialmente quando os pais percebem dificuldades de comunicação com a criança ou quando possuem menor renda. Esse estudo evidencia que o suporte que os pais recebem — incluindo o acolhimento profissional — influencia diretamente a percepção que eles têm de sua própria qualidade de vida, o que pode afetar o cuidado oferecido à criança.

Por fim, Pimenta et al. (2020) e Dorlivete et al. (2022) reforçam a necessidade de instrumentalização das famílias, indicando que não basta informar o diagnóstico — é necessário orientar, acompanhar e fortalecer os cuidadores para o cotidiano do cuidado domiciliar, o que inclui escuta, empatia, indicação de serviços e práticas de acolhimento contínuo.

3.4 Síntese comparativa dos achados

Estudo	Contribuição Central	Pontos de Convergência	Pontos Específicos
Maia et al. (2016)	Destaca as fases do luto e a importância da escuta no acolhimento.	Diagnóstico como ruptura e luto simbólico.	Propõe capacitação de equipes de acolhimento.
Dias et al. (2021)	Relaciona renda e perfil comunicativo à qualidade de vida dos pais.	Pais com menos apoio e baixa renda têm maior sofrimento.	Enfoque quantitativo com uso do WHOQOL-bref.
Silva et al. (2015)	Enfatiza o isolamento das mães e estigmas sociais.	Cuidado como tarefa solitária materna.	Forte enfoque no sofrimento psíquico e social da mulher.
Pimenta et al. (2020)	Aponta fragilidade da rede no preparo da família após o diagnóstico.	Ausência de acolhimento agrava sofrimento.	Destaca falhas na alta hospitalar e falta de diálogo.
Pereira (2022)	Mostra que renda, tempo de diagnóstico e reações iniciais influenciam adaptação.	Importância da intervenção precoce e acolhimento.	Estudo português com dados de 101 pais.
Barros et al. (2022)	Revisão integrativa sobre dificuldades parentais no tratamento.	Falta de suporte profissional no início do processo.	Sugere que a família seja inserida ativamente no cuidado.
Dorlivete et al. (2022)	Reforça o impacto do TEA na saúde mental e dinâmica familiar.	Sobrecarga e necessidade de apoio contínuo.	Aborda estratégias para enfrentar os desafios do cuidado.

A análise dos estudos evidencia que o acolhimento profissional é um fator determinante na forma como os pais reagem, se adaptam e reorganizam suas vidas após o diagnóstico de TEA. Sua ausência pode agravar o sofrimento emocional, comprometer a qualidade de vida dos pais e dificultar o estabelecimento de vínculos saudáveis com a criança. Por outro lado, quando presente, o acolhimento possibilita escuta, orientação, alívio emocional e construção de confiança entre a família e os profissionais.

4. DISCUSSÃO

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista não representa apenas a nomeação de uma condição clínica; ele desencadeia um processo intenso de reorganização emocional, social e familiar, que exige tempo, apoio e, sobretudo, acolhimento. Os estudos analisados convergem ao apontar que o momento do diagnóstico é um divisor de águas para os pais, especialmente para as mães, que geralmente assumem a centralidade do cuidado (Silva et al., 2015; Pereira, 2022).

Nesse contexto, o acolhimento prestado por profissionais da saúde e da educação emerge como um fator-chave na mediação entre o sofrimento e a adaptação dos pais. Profissionais que praticam a escuta qualificada, demonstram empatia e fornecem orientações claras e acessíveis, contribuem significativamente para que a família compreenda e aceite a nova realidade, encontrando meios de reorganizar-se diante dela (Maia et al., 2016; BRASIL, 2006).

Por outro lado, quando o diagnóstico é comunicado de forma fria, técnica ou sem suporte complementar — como relatado por Pimenta et al. (2020) e Barros et al. (2022) —, os pais vivenciam um impacto ampliado, com sentimento de desamparo e solidão, o que pode desencadear estagnação emocional, isolamento social e até ruptura de vínculos familiares. Essa realidade contradiz os princípios de humanização do cuidado e da integralidade preconizados pelo SUS, e denuncia a fragilidade de preparo técnico e emocional de muitos profissionais para acolher a dor da família.

No campo da saúde, é necessário reconhecer que o acolhimento não é um ato isolado ou pontual, mas uma postura relacional contínua, que atravessa desde a primeira escuta até o acompanhamento longitudinal da família. Isso exige que as equipes multiprofissionais sejam formadas não apenas em diagnóstico e tratamento, mas também

em competências relacionais e éticas, como escuta ativa, empatia, linguagem acessível e manejo da dor emocional (Freire, 1996; BRASIL, 2006).

Na educação, o acolhimento também se mostra fundamental, sobretudo porque muitas vezes é no espaço escolar que surgem os primeiros indícios de TEA, ou que se consolida o processo de inclusão. Professores, orientadores e coordenadores precisam estar preparados para lidar com as angústias dos pais e com as singularidades das crianças, atuando de forma sensível, responsável e colaborativa. No entanto, como indicam os estudos, essa preparação ainda é incipiente, o que pode gerar frustrações mútuas entre família e escola (Barros et al., 2022).

Outro ponto importante revelado pelos estudos é que a condição socioeconômica da família interfere diretamente na experiência do acolhimento e da adaptação. Como destacam Dias et al. (2021) e Pereira (2022), famílias de baixa renda, com pouco acesso à informação e aos serviços de saúde especializados, tendem a sofrer mais com a ausência de suporte e a apresentar menores níveis de qualidade de vida. Isso indica a necessidade de políticas públicas que garantam equidade no acesso à rede de atenção e à informação qualificada, principalmente nas regiões mais vulnerabilizadas.

Além disso, os estudos reforçam que o acolhimento deve ser entendido como uma ação estratégica para evitar a cronificação do sofrimento parental e facilitar o vínculo entre pais e filhos com TEA. Quando há escuta, orientação e suporte contínuo, os pais tendem a compreender melhor o diagnóstico, buscar recursos terapêuticos de forma mais segura e reorganizar seus projetos de vida com maior esperança e autonomia (Maia et al., 2016; Pereira, 2022).

Por fim, é importante ressaltar que o acolhimento adequado não elimina o impacto emocional do diagnóstico, mas pode atenuar suas consequências, promovendo uma travessia mais humanizada, menos solitária e mais fortalecida. Trata-se, portanto, de uma responsabilidade ética compartilhada entre os profissionais, as instituições e o sistema de saúde e educação, que precisam repensar suas práticas à luz da escuta, da sensibilidade e da corresponsabilidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou como o acolhimento — ou a ausência dele — por parte de profissionais da saúde e da educação impacta o processo de adaptação dos pais ao

diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os artigos examinados evidenciaram que o diagnóstico representa uma experiência emocionalmente intensa, marcada por sentimentos de choque, luto simbólico, angústia e incertezas. Essa travessia, no entanto, pode ser significativamente suavizada ou agravada a depender da forma como os profissionais se posicionam diante das famílias.

Os dados revelaram que o acolhimento profissional, quando baseado na escuta ativa, no respeito à dor alheia e na orientação clara e empática, funciona como um fator de proteção emocional para os pais, favorecendo sua reorganização interna, familiar e social. Em contrapartida, a ausência de suporte, o discurso técnico-desumanizado ou a negligência institucional agravam o sofrimento parental, comprometem a qualidade de vida dos cuidadores e dificultam o vínculo com a criança diagnosticada.

Além disso, observou-se que fatores como a centralização do cuidado nas mães, a condição socioeconômica da família e o acesso (ou não) à rede de apoio são variáveis determinantes na forma como os pais vivenciam o pós-diagnóstico. Esses aspectos reforçam a urgência de se pensar o acolhimento como uma prática intersetorial, transversal às políticas públicas de saúde, educação e assistência social.

Entre os desafios identificados, destaca-se a necessidade de formação continuada dos profissionais para o desenvolvimento de competências relacionais, éticas e comunicacionais. O acolhimento exige mais do que conhecimento técnico: requer sensibilidade, escuta e compromisso com a dignidade da experiência vivida pelos pais.

Como caminhos futuros, recomenda-se a ampliação de pesquisas qualitativas com pais recém-diagnosticados em diferentes contextos sociais; a criação de protocolos de acolhimento interdisciplinar no momento do diagnóstico; o fortalecimento de redes de apoio parental nas unidades de saúde e nas escolas; e a inclusão de conteúdos sobre acolhimento e luto simbólico nas formações em saúde, educação e psicologia.

Em síntese, acolher é mais do que informar. É estar presente com humanidade no exato momento em que o chão se rompe para muitos pais. É ajudar a reconstruir caminhos, mesmo quando o futuro ainda parece incerto. E é, sobretudo, afirmar que nenhuma família deveria atravessar essa jornada sozinha.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARROS, Á. A. T. S. et al. Dificuldades enfrentadas pelos pais no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, e11411931568, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. 2. ed. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde, 2006.

DIAS, C. L.; COSTA, E. M.; BARBOSA-MEDEIROS, M. R. Qualidade de vida de pais de crianças com transtorno do espectro do autismo. **Comunicando: Ciência da Saúde**, v. 32, n. 2, p. 99-106, 2021.

DORLIVETE, A. A. et al. Dificuldades enfrentadas pelos pais no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, e11411931568, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAIA, F. A. et al. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. **Cadernos de Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 228-234, 2016.

PEREIRA, K. S. B. **O impacto do diagnóstico de perturbação do espectro do autismo nos pais**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada, Campus Universitário de Almada, Portugal, 2022.

PIMENTA, E. A. G. et al. Cuidar de crianças com necessidades especiais de saúde: do diagnóstico às demandas de cuidados no domicílio. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 58506-58521, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n8-311.

SILVA, J. B. et al. “Padecendo no paraíso”: as dificuldades encontradas pelas mães no cuidado à criança com sofrimento mental. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 17, n. 3, 2015.

SÁ, D. S.; RABINOVICH, E. P. O luto na deficiência: uma abordagem psicodinâmica. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 4, n. 1, p. 95-106, 2002.